

***O PRIMEIRO TOQUE
PALCO JOVEM***

O PRIMEIRO TOQUE – PALCO JOVEM

**PROJECTO DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA PARA AS ÁREAS DE COIMBRA,
MEALHADA, CANTANHEDE E GRANJA DO ULMEIRO, REALIZADO EM
2006/2007 E FINANCIADO PELA FUNDAÇÃO PIRES NEGRÃO**

CRIAÇÃO E DIRECÇÃO: MARCANTONIO DEL CARLO

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	4
PROJECTO E A SUA ORGANIZAÇÃO	6
CONTACTOS	33
BIBLIOGRAFIA	34
ANEXOS	35
DVD 1 (DOCUMENTÁRIO QUEM MATOU ROMEU E JULIETA)	
RECORTES DE IMPRENSA	

INTRODUÇÃO

Em Junho de 2006 fui convidado a dirigir um pequeno curso de Expressão Dramática nas instalações do INATEL de Coimbra, promovido pela Fundação Pires Negrão de Cantanhede.

Estava longe de imaginar que este seria o primeiro de muitos encontros com um grupo de pessoas extraordinárias que foram o grande alicerce deste projecto.

De facto, foram eles os verdadeiros impulsionadores desta aventura. Os professores, pais e alunos das escolas que se associaram a esta fundação sem qualquer interesse a não ser o de conhecer e praticar a arte do teatro, ajudaram-me a redescobrir cenicamente, juntamente com um excepcional grupo de profissionais da área, o belo drama de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare.

Se bem que o propósito inicial fosse o de montar um espectáculo no final do projecto a partir desta belíssima obra, penso que sem o entusiasmo deste grupo de aprendizes jamais teria conseguido o resultado artístico que se obteve no final.

Assim, depois de vários fins-de-semana passados a exercitar o jogo dramático, na sua vertente meramente pedagógica, com pessoas que descobriam em cada sessão da formação uma maneira intensa, viva, de estar e comunicar com os outros, apercebi-me que havia vontade de continuar.

Foi o actor Jorge Mota, organizador do curso e um dos professores da Fundação que me aliciou para um trabalho que desse uma consequência a esta formação. Foi a ele que propus então este projecto que já tinha tido algumas apreciações positivas por parte de outras entidades, como o Teatro Nacional D. Maria II, Teatro Nacional São João, a companhia de teatro O Teatrão, de Coimbra, ou a Escola Superior de Educação de Coimbra.

Com o Jorge Mota, e depois com a actriz bailarina Marta Nunes, estabeleci com a direcção da Fundação, nomeadamente com o seu director, Dr. Pires Negrão, em Dezembro de 2006, um plano de trabalho que previa a estruturação de um projecto artístico e pedagógico, relacionado com as artes performativas.

Esta terminologia pomposa traduziu-se rapidamente numa série infindável de parcerias que deram origem a uma verdadeira festa do teatro, da dança e da música. Esta festa prolongou-se no tempo e deixou um rasto fácil de encontrar actualmente, de cada vez que entramos em qualquer uma das escolas que estiveram envolvidas neste evento, ou nos locais onde o projecto excedeu o eco popular (ver nos anexos o DVD 1 com o trailer do documentário que foi realizado entre Janeiro e Abril de 2007).

A proposta era ambiciosa. Pegar num clássico, relê-lo, juntar três escolas secundárias e uma escola superior ligada as artes plásticas e criar, durante seis meses, com uma equipa de profissionais, um espectáculo que ultrapassaria a fronteira do palco convencional. O que queríamos era envolver toda uma comunidade na feitura de uma peça de teatro. Mas não só! Queríamos ir mais além! O nosso objectivo era o

de intervirmos artisticamente junto de uma comunidade receptiva, mas que desconhecia os meandros de uma arte muitas vezes mal entendida.

Foi na escola, e em tudo o que ela representa na formação de todos nós, que eu e uma pequena equipa de profissionais assumimos o nosso papel de intérpretes de uma outra pedagogia que aliasse o útil ao agradável. Ou seja, a partir de um contexto comum decidimos em conjunto desenhar uma estratégia que trouxesse o teatro às pessoas e não o contrário. O pai, o filho, o aluno, o professor e a cidade iriam ser cúmplices, autores, do que seria criado num palco oficial e comum a todos.

Como? Primeiro todo o acto criativo ia ser descoberto no seio da comunidade: na escola, na rua e em casa. O tal palco de todos, a sala nobre e as luzes da ribalta, surgiriam no fim como a cereja em cima do bolo. O bolo seria confeccionado por todos. A cereja viria depois com as centenas de pessoas que nos iriam aplaudir ou talvez apupar.

Felizmente para nós não houve apupos e a energia das palmas que recebemos fez-nos acreditar num teatro popular, que o é na essência de quem o faz, convictos de que a verdade artística pode ser aquela que nós quisermos. Temos é de acreditar nela.

Não foi fácil juntar centenas de alunos, pais, professores, conselhos executivos, juntas de freguesia, câmaras municipais e todos os outros intervenientes num projecto com esta dimensão.

O mérito da procura de um equilíbrio, face às muitas e constantes adversidades que o projecto teve de enfrentar, não foi só meu, deveu-se igualmente à inspiração do cenógrafo Eurico Lopes, à dedicação da Marta Nunes e ao seu saber enquanto formadora, ao talento dos alunos de música do professor Nora, da escola Pedro Teixeira de Cantanhede, à disponibilidade dos actores (profissionais e amadores), e à visão da Virgínia Esteves, que dá sempre "luz" às minhas encenações.

Em todos nasceu o desejo de repetirmos esta experiência noutra lugar deste país. O texto será outro, sem dúvida, mas o contexto será sempre o mesmo: viver com uma comunidade um momento artístico único na forma e enriquecedor no conteúdo.

O PROJECTO E A SUA ORGANIZAÇÃO

OS PRIMEIROS CONTACTOS

Em Setembro de 2006, reuni-me pela primeira vez com o Dr. Pires Negrão, director da Fundação com o mesmo nome, e já na qualidade de mentor do projecto. Foi com ele e com o Jorge Mota que estabelecemos que este projecto tinha toda a pertinência numa área do país (zona centro), onde, e as palavras são do Dr. Pires Negrão, "Nada acontece! Tudo vem de Lisboa!".

Nessa primeira reunião tive o cuidado de apresentar as minhas dúvidas e ansiedades em relação a um projecto que tinha um custo, uma energia e uma dinâmica muito próprias. Percebi então que mais do que uma vontade de criar um evento, o meu interlocutor ansiava por criar na sua escola (Pedro Teixeira de Cantanhede), e nas outras que viriam a associar-se ao projecto, um espaço cultural que extravasasse a própria instituição que ele dirige. Não na procura de uma ascensão pessoal mas com o objectivo claro de desenvolver com a comunidade onde está inserido uma lógica de valores artísticos, capazes de enaltecer todos os que dela fazem parte.

Consequentemente, a parceria com as outras escolas foi rapidamente consumada. Obedecendo às características do projecto, associaram-se à escola Pedro Teixeira de Cantanhede, o Instituto Pedro Hispano da Granja do Ulmeiro, o Instituto Educativo de Lordemão e a ARCA-Escola Superior de Artes de Coimbra (EAC). Estas escolas foram escolhidas pela vertente do ensino artístico que incute aos seus alunos.

Todo este processo foi viabilizado de forma célere e eficaz nas inúmeras reuniões que fui tendo até às férias do Natal de 2006. Mais uma vez a disponibilidade do Jorge Mota e do Dr. Pires Negrão foi preciosa.

Assim, foi fácil para mim e para a equipa inicial (a Marta Nunes, enquanto formadora que iria trabalhar comigo nas escolas, e o produtor Francisco Araújo) definirmos um diálogo claro e eficaz com professores, alunos, pais e não só, que de imediato se associaram à Fundação para participarem no projecto. Esta vontade imediata de querer fazer parte de algo que iria transtornar os seus quotidianos sem recear o fracasso, de querer participar numa proposta arrojada, mas ao mesmo tempo ingénua, quase primitiva de se fazer teatro, foi a constante que assegurou o arranque desta empresa.

Apesar de tudo, foi fácil chegar a reunir com os professores nas suas folgas, conseguir alunos e pais aos domingos de manhã cedo para as sessões de apresentação do projecto, porque todos eles queriam fazer parte de um rito que lhes era comum.

Todos os que estiveram a ouvir-me nas primeiras sessões de esclarecimento sobre o projecto, fizeram-no porque queriam desvendar o segredo de uma arte que admiravam, mas desconheciam. O que tentei transmitir nessas reuniões foi uma apresentação clara do projecto.

Expliquei, a quem me veio ouvir, que queria realizar esta ideia por assistir, nos últimos anos, ao aumento das produções teatrais, musicais, etc., para a infância e adolescência, e ver nisso um sinal do reconhecimento da actividade artística como meio

participante na formação cultural dos jovens e na criação de novos públicos. Quis passar a ideia de que as artes performativas, e em particular o teatro, encontram já hoje um lugar nas escolas, seja ao nível de grupos de teatro escolares, e da própria oficina de expressão dramática, também como ferramenta didáctica que atravessa um grande leque de disciplinas.

Centrei o meu discurso à volta das sensibilidades e das práticas educativas no sentido de proporcionarem aos alunos um espaço mais criativo e pessoal de aprender, onde se pretendia trabalhar na formação humana e cultural de cada indivíduo como cidadão, ao invés de um ensino técnico, anónimo e massificante.

Procurei transmitir, nestas apresentações públicas, a ideia de que com este projecto os professores e os alunos podiam descobrir, em conjunto, uma nova forma de estar na escola. Aos primeiros propus o desafio de inventarem no ensino das suas disciplinas uma espécie de *link* com a linguagem performativa do teatro. Com isso ser- -lhes-ia mais fácil dialogar com os alunos sobre esta ou aquela matéria. Aos segundos, propus que procurassem no ensino do português, do inglês, da matemática, etc., os suportes para o trabalho que iriam desenvolver artisticamente comigo e com a Marta Nunes.

Desta forma, como explico mais a frente, neste enunciado, apresentei as matrizes deste evento como algo que tinha a ver com a escola. Tudo seria criado dentro do meio escolar antes de nos aventurarmos no palco profissional.

O ser-se espontâneo na aprendizagem dos conteúdos de uma disciplina, podia pois acontecer com a representação dos mesmos, no trabalho que eu pretendia desenvolver com alunos e professores. O que era preciso era termos um código comum que não chocasse com a normal actividade curricular das escolas.

Foi neste contexto que este projecto se inseriu, procurando não só construir o teatro, a música e a dança para jovens com jovens, mas alargando esta experiência a toda a comunidade onde estes jovens viviam e continuam a viver.

Por isso, tal como o “primeiro toque” que anuncia o início das aulas e o início da(s) outra(s) vida(s), o que eu e a minha equipa pretendíamos com esta experiência artística era criar, com a Fundação Pires Negrão e as outras escolas, nas cidades de Coimbra, Mealhada, Cantanhede e Granja, um “palco jovem”, na sua maneira de olhar a cidade como algo de fascinante e sedutor.

O que propusemos com este projecto foi uma intervenção artística com a comunidade escolar. Quisemos desenvolver com ela o conceito “conhecer fazendo”, onde a descoberta dos novos campos de interesse, e de actuação de cada um, podiam ser assimilados sempre numa lógica de trabalho colectivo, que visava a realização de um objecto artístico comum (momentos performativos de música, dança e teatro; exposições de fotografia e vídeo; escrita de textos dramáticos; etc.). Assim, numa primeira fase, o trabalho decorreria nas escolas secundárias e na escola superior acima referidas.

Numa segunda fase, o resultado obtido nas escolas seria integrado num evento teatral, a montagem da peça *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, num palco nobre da área geográfica comum à Fundação e às escolas envolvidas.

Este acontecimento teatral, assumindo-se como espectáculo público, ultrapassaria os limites da escola, envolvendo não só os grupos próximos (pais, amigos, professores, etc.) mas um horizonte mais vasto que seria, em última análise, toda a cidade. O palco escolhido foi o do Cine-Teatro Messias na cidade da Mealhada.

Como tal, na primeira fase, a escola Pedro Teixeira de Cantanhede iria compor e ensaiar a banda sonora do espectáculo, que seria tocada ao vivo, pelos alunos em cada uma das récitas. Esta escola e o Instituto Pedro Hispano da Granja do Ulmeiro desenvolveriam nas suas oficinas de expressão dramática alguns momentos performativos, que fariam parte da montagem profissional na Mealhada.

Por seu turno, a ARCA-EAC iria construir nas suas instalações, com os seus professores e alunos, o cenário da peça, criado pelo Eurico Lopes. A ARCA -EAC também teria a seu cargo (através dos alunos e professores do curso de *design*) a criação da imagem gráfica do espectáculo profissional. Quanto ao Instituto de Lordemão, ficaria incumbido de elaborar com os seus alunos uma exposição de maquetas, figurinos, etc., relacionados com o drama de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. Esta exposição estaria patente no *foyer* do Cine-Teatro Messias da Mealhada, durante toda a carreira da peça.

O que queríamos era experimentar uma integração efectiva nos processos de concepção, criação e apresentação de uma peça de teatro, realizada em conjunto por uma equipa artística composta por profissionais da área, pelos grupos participantes das escolas, e por outros agentes culturais locais, que facilmente estabeleciam a relação entre a arte e as populações (grupos culturais e recreativos, associações, etc.).

O trabalho a desenvolver com as escolas iria implicar a participação não só de alunos como também de professores, pais e encarregados de educação e demais profissionais ligados à actividade educativa, no sentido em que, do encontro das mais diversas sensibilidades, resultaria um conjunto de experiências que iria enriquecer os objectivos do trabalho.

Acreditávamos que seria salutar o encontro de jovens e adultos, unidos na criação de um objecto artístico, com a disponibilidade de experimentarem e aprenderem uns com os outros, num espírito de grupo, onde as inevitáveis relações (professor/aluno, pai/filho, artista/espectador, etc.) se podiam esbater e possibilitar a proximidade, segundo outras regras e pressupostos.

Finalmente, um projecto tão abrangente na diversidade de agentes envolvidos como este, podia também vir a contar com a participação das entidades que, em cada área social, detinham responsabilidades no desenvolvimento cultural das cidades onde o projecto iria acontecer (câmaras municipais, juntas de freguesia, conselhos executivos das escolas, associações de pais, etc.).

1ª FASE DO PROJECTO

DEZEMBRO 2006 – MARÇO 2007

FORMAÇÃO DOS MONITORES QUE TRABALHARAM NAS ESCOLAS

Na escola Pedro Teixeira de Cantanhede e no Instituto Pedro Hispano da Granja do Ulmeiro, eu e a actriz Marta Nunes dirigimos um curso de formação (expressão dramática, escrita teatral, expressão corporal) que tinha como objectivo formar os monitores que trabalhariam nas escolas com os alunos. Estes monitores foram seleccionados a partir de uma série de entrevistas realizadas a seguir às sessões de esclarecimento em Dezembro de 2006. A formação realizou-se na primeira quinzena de Janeiro de 2007.

Por outro lado, também no início de Janeiro de 2007, o cenógrafo Eurico Lopes criou uma equipa de cenografia na ARCA-EAC e com eles começou a construir o cenário da peça. Os professores do Instituto de Lordemão juntaram-se a esta equipa e sempre com a supervisão do cenógrafo Eurico Lopes foram desenvolvendo a exposição que esteve presente no *foyer* do teatro durante toda a carreira do espectáculo.

FORMAÇÃO DOS ALUNOS NAS ESCOLAS

Depois das reuniões de esclarecimento e informação sobre o projecto e os seus objectivos, junto dos alunos, professores, encarregados de educação, etc., (Dezembro 2006) abrimos nas escolas um curto período de inscrições (primeira quinzena de Janeiro de 2007). De seguida, em conjunto com os professores que tinham participado na formação acima mencionada, formámos os grupos de trabalho com os alunos que se inscreveram, cerca de 50 por cada área: cenografia, música e representação.

Com cada um destes grupos eu e a Marta Nunes, juntamente com os professores que receberam formação trabalhámos duas vezes por semana, entre Fevereiro e Março de 2007: técnica da máscara, expressão corporal, voz, interpretação, narração e contar histórias, introdução à escrita dramática, percussão e composição musical (estas duas últimas áreas foram dirigidas pelo professor de música Nora da escola Pedro Teixeira de Cantanhede).

No final de Março, como resultado deste trabalho foram apresentados na escolas vários objectos artísticos (coreografias, jogo de lutas, cenas de conjunto e uma exposição de estudos de maquetas de cenário) relacionados com a peça *Romeu e Julieta*, e que foram integrados na produção que estreou em Abril de 2007. Também nesta altura ficou pronto o cenário que estava a ser construído pelos alunos e professores da ARCA-EAC.

Foi então, precisamente nas instalações desta escola superior que fizemos a apresentação oficial à comunicação social do projecto e dos seus intervenientes (ver o dossiê de imprensa e o DVD 3 com reportagens de televisão).

Paralelamente, iniciei em meados de Fevereiro de 2007 os ensaios com o elenco profissional. Estes ensaios decorreram em diversas salas cedidas pelas escolas envolvidas. Consequentemente, muitas vezes os alunos assistiam ao trabalho que se estava a

desenvolver com os actores profissionais. Este facto obrigou a constantes mudanças nas opções de encenação. Tive a oportunidade única de experimentar e debater a minha encenação com o público-alvo para quem o resultado final estava a ser preparado.

CRONOGRAMA

Informação e Divulgação do projecto	Dezembro 2006
Formação com os professores e inscrições dos alunos	Janeiro 2007
Formação com os alunos, ensaios e montagem do objecto artístico nas escolas (cenografia, representação e música); início dos ensaios com o elenco profissional	Fevereiro/Março 2007
Apresentação do objecto artístico nas escolas (exposições, performances de rua, lutas coreografadas, concertos)	Março 2007

**FOTOGRAFIAS COMENTADAS DO TRABALHO REALIZADO NA 1ª FASE
FOTOGRAFIAS DO TRABALHO DESENVOLVIDO COM OS ALUNOS NAS
ESCOLAS, DOS ENSAIOS COM OS ACTORES PROFISSIONAIS E DA
CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO NA ARCA-EAC
(Dezembro 2006 - Março 2007)**



Apresentações do projecto nas escolas, Dezembro de 2006.

Estas apresentações foram divulgadas em cada uma das escolas, em meados de Outubro, através de convocatórias afixadas nos corredores e nas salas de aulas. Outra forma de divulgação foi a criação de circulares que foram enviadas por correio aos encarregados de educação. Estes foram convidados a participarem em sessões de esclarecimento que tiveram lugar duas semanas antes do início das férias do Natal.

Juntamente com estas circulares, foram enviados dossiês que explicavam o porquê deste projecto, as suas fases e os seus objectivos.

A recepção que tivemos ultrapassou em larga escala as nossas expectativas. De facto, nunca pensámos que a adesão dos pais, e de toda a comunidade escolar viesse a ser tão grande. As escolas encheram-se de “muita gente” que se deixou rapidamente seduzir por um conceito artístico que parecia conhecer desde sempre.

Esta adesão positiva também aconteceu porque já havia muita cumplicidade entre mim, e os professores que tinham frequentado a minha formação meses antes nas instalações do INATEL de Coimbra.

Foi nesse curso que foram lançadas as primeiras sementes de algo que só viria a acontecer um ano depois. Foi com estes professores que incentivámos todos os “outros” nas escolas. Isto porque nos conhecíamos muito bem.

Esse conhecimento vinha de uma prática teatral que tínhamos desenvolvido em grupo durante um certo período de tempo. Era esta linguagem que eu e aqueles professores tínhamos aprendido.

Queríamos agora partilhá-la nessas apresentações públicas, com os que estavam ali para me ouvir falar de um palco que podia vir a ser de todos. Nos auditórios, nas cantinas, nos anfiteatros, onde expliquei o que pretendia fazer, respirámos pela primeira vez uma experiência artística colectiva que nos iria acompanhar até ao fim.

Estava a representar o meu papel de criador de uma ideia colectiva que devia ser vivida por todos. As centenas de pessoas que me ouviram falar durante cerca de uma hora por sessão, em dias muitas vezes “impróprios” para esta função (domingos de manhã, etc.), foram os primeiros espectadores deste acontecimento que alterou as suas vidas durante alguns meses.



Maqueta do cenário criada pelo cenógrafo Eurico Lopes e construída na ARCA-EAC.



Visionamento de algumas adaptações cinematográficas da peça Romeu e Julieta, de William Shakespeare, com os alunos do Instituto de Lordemão, Janeiro 2007.

Promovemos desde o início o visionamento, com os alunos desta escola (ligada a área da cenografia), de duas adaptações para o cinema, bem distintas uma da outra, da obra de Shakespeare.

A primeira, uma versão clássica, nos conteúdos de imagem bem como no estilo de representação dos actores: o *Romeu e Julieta*, de Franco Zeffirelli. Filmado em finais dos anos sessenta, nos cenários naturais de Verona, este é um daqueles filmes feitos com o cuidado de não desprezitar um contexto erudito.

A segunda, uma leitura mais contemporânea, inovadora na plasticidade e agressiva no trabalho dos intérpretes: o *Romeu e Julieta*, de Baz Luhrmann. Estreado nos finais da década de noventa, e por apresentar uma visão mais cruel dos Montecchio e Capuletto, mais bem ao estilo de um jogo de computador, achámos que seria esta a leitura que os alunos iriam assimilar mais facilmente.

Para nosso espanto, tal não aconteceu. E quando digo nosso, refiro-me não só a mim ou à Marta Nunes, mas também aos professores que já conheciam as duas versões e nos tinham garantido que os alunos iriam entender muito melhor o filme com o Leonardo di Caprio. Diziam eles que “os tiros” e o “visual” eram de uma contemporaneidade mais acessível aos “miúdos” de hoje.

A verdade é que a poesia dos versos só foi entendida na opção classicista das imagens do Franco Zeffirelli. Pelo contrário, o filme “moderno” era confuso. Muitos não compreendiam porque é que o Mercúcio era de cor negra. Porque é que num baile daquela época, todos tomavam ecstasy. Muitos não entenderam uma releitura de um clássico que se esforçava, em cada plano, por fazer a ponte com os dias de hoje.

Este facto modificou completamente todo o trabalho que tínhamos planeado realizar nas escolas. Efectivamente, foi depois de ouvirmos os comentários dos alunos do Instituto de Lordemão, que iriam trabalhar cenograficamente no projecto, acerca do que tinham visto nas duas películas em questão, que decidimos reformular o nosso discurso criativo nas outras escolas onde iríamos trabalhar a área da representação.

Na Granja e em Cantanhede, optámos por ler apenas o texto original. Depois desafiámos, os grupos de trabalho, através do jogo da improvisação a escreverem as suas cenas. Quisemos que fossem os alunos a descobrir a beleza dos versos de William



Estudos de maquetas de cenários realizados pelos alunos da ARCA-EAC.

A relação que os professores da ARCA-EAC estabeleceram com os seus alunos na procura incessante de uma opção cenográfica que se enquadrasse no contexto profissional imposto pelo cenógrafo Eurico Lopes, revelou-se como um dos grandes trunfos de toda esta experiência.

Foram estes alunos que juntamente com os seus colegas de Lordemão, inspiraram aquele que ia ser o cenário da encenação. Cada um destes alunos, por saber que ia ter o seu trabalho exposto numa sala de espectáculos conceituada, acabou por se sentir responsabilizado perante a comunidade a que pertencia.

Passaram a criar nas aulas algo que iria ter uma representatividade efectiva no meio social em que estavam inseridos. Isso não limitou a sua criatividade. Pelo contrário, cada obra foi concebida de acordo com a exigência que lhes era naturalmente exigida por aqueles que os tutelavam. Foi em casa e nas aulas que eles, os alunos, pais e professores, dialogaram de facto acerca das disciplinas que uns ensinavam e outros aprendiam.

O pretexto era válido: participar na concepção de um espectáculo de teatro profissional. Todos aceitaram este desafio como a possibilidade de colocar em prática o ensino de matérias nunca antes concretizadas. Nas oficinas já não se falava de cores em termos académicos. Procurava-se a cor certa para esta ou aquela cena do *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. Havia prazos a cumprir e muita expectativa em relação ao que seria exposto no *foyer* da tal sala de espectáculos conceituada.

Por outro lado, uma vez que o cenário foi testado pelos actores durante os ensaios que decorreram nas instalações da ARCA-EAC (só aqui é que havia um pé-direito suficientemente alto para conter a estrutura), os alunos tiveram a oportunidade de se reconhecerem nas marcações impostas ao elenco. Alguns discutiram comigo certas opções da encenação que viram tomar forma na sua escola.

Com estes alunos, eu e o cenógrafo Eurico Lopes descobrimos a linguagem plástica que determinou o jogo cénico dos actores. Tínhamos idealizado uma máquina teatral que se desdobrasse em múltiplos cenários. Os alunos e os professores desta escola conceberam-na, de forma a permitir a sua manipulação.

Fizeram-no não “por amor à camisola”, mas porque lhes interessou participar num processo profissional de criação de um espectáculo de teatro. Esta participação foi real. Não se limitou ao transporte de um cenário ou à pintura de um chão. Cada aluno, cada professor viu o seu trabalho exposto, apreciado por um público heterogéneo, expectante e, em muitos casos, crítico.



Primeiras reuniões de trabalho entre o cenógrafo Eurico Lopes e a equipa de cenografia composta pelos professores da ARCA-EAC e do Instituto de Lordemão, Fevereiro 2006.

Em Fevereiro de 2007 paralelamente com o trabalho que estava a desenvolver nas escolas, comecei a ensaiar com o elenco profissional o espectáculo que iria estreiar em Maio no Cine -Teatro Messias da Mealhada com a participação dos grupos escolares.

Tudo o que eu e a Marta Nunes (que para além de formadora nas escolas também foi uma das actrizes que participou no espectáculo) estávamos a criar com as escolas da Granja e de Cantanhede, na área da representação, condicionou o meu discurso de encenador.

De facto, foi a partir do que estava a ser construído nas escolas, e que posteriormente viria a ser integrado na montagem profissional, que eu dirigi o grupo de actores profissionais. Com eles, pacientemente, esperei que os actores “mais pequenos” descobrissem a sua metodologia de trabalho. Com a preciosa ajuda do elenco profissional, que se obrigou a ensaiar duas vezes por semana em cada uma destas escolas, fui responsabilizando os alunos participantes no sentido de lhes fazer entender que o chão que estavam a pisar podia ser escorregadio.

Com os profissionais, habituados a uma disciplina de trabalho obsessiva, os alunos perceberam a importância de fazerem parte de algo que ultrapassava os seus quotidianos. A rotina dos ensaios acabou por se impor naturalmente. E mesmo que a sensação de uma certa anarquia estivesse presente nas primeiras sessões de trabalho, ela cedo se desvaneceu, dando lugar a um sentimento altruísta que ajudou a consolidar o espírito de grupo.

Para isso, contribuiu a tal cumplicidade que existia entre mim e os professores que tinham sido formados no curso do INATEL, em Coimbra, um ano antes. Eles tinham descoberto comigo que o “grupo” deve ser estimulado, mas também responsabilizado num acto criativo.

Assim, as reuniões semanais realizadas entre a equipa artística profissional e os professores, nas escolas, na sala de ensaios da Mealhada, ou nos cafés das cidades envolvidas, funcionaram como um debate de ideias que estimularam o trabalho dos alunos.

Em cada um destes encontros, bem como nos ensaios abertos que dirigi nas escolas, a palavra “comunidade” começou a fazer sentido. Sentíamos todos que estávamos a contribuir para a criação de um espaço colectivo que era muito invejado por todos aqueles que não lhe pertenciam. Nós não estávamos apenas a ensaiar um “teatrinho”, como, às vezes, alguém se lhe referia em tom sarcástico. Esses eram os “tais” que se sentiam excluídos de um grupo de pessoas elogiadas pela sua dedicação e empenhamento.

Não, nós todos, actores profissionais, alunos, professores e encenador, convivíamos, numa plataforma de puro entendimento criativo. Sabíamos que a fasquia era difícil de transpor, mas também tínhamos aquela confiança de quem sabia que estava no caminho certo.

Nem sempre o diálogo entre os profissionais e os amadores foi pacífico. Não foi fácil impor uma disciplina de trabalho nas escolas. Mesmo assim, a maioria depressa compreendeu que os “egos” deviam ser respeitados, pois havia um bem-estar comum a ser preservado custasse o que custasse.

A individualidade acabou por ser respeitada. O colectivo dependia dessa harmonia. Sem ela não podíamos trabalhar em conjunto.



Ensaios das cenas de luta com o elenco profissional na sala de ensaios da ARCA-EAC.



Reuniões com os professores, com o elenco profissional e a equipa artística na Escola Pedro Teixeira de Cantanhede, Janeiro de 2007.



Ensaios com os alunos no Instituto Pedro Hispano da Granja do Ulmeiro e da Escola Pedro Teixeira de Cantanhede, Março de 2007.



Primeiros ensaios de mesa na ARCA-EAC com o elenco profissional, Fevereiro 2007.



Ensaios finais do objecto artístico com os alunos do Instituto Pedro Hispano da Granja do Ulmeiro, Março de 2007.

Nesta primeira fase, descobri a matriz de um trabalho que se revelou indispensável na fase seguinte.

Quando finalmente os objectos artísticos foram apresentados em Março nas escolas, todos os participantes tomaram consciência, na confrontação directa com o público, da importância do que vinha a seguir.

As centenas de familiares, amigos e colegas que foram ver e ouvir, nas escolas, as performances de rua, as cenas de luta coreografadas, as exposições, o cenário e a música, que iriam ser integrados na montagem profissional da Mealhada, ficaram maravilhados com o talento dos “pequenos grandes” artistas que, desde Janeiro de 2007, dedicavam todo o seu tempo livre e mesmo o das aulas a um objectivo artístico comum.

A festa do teatro que eu tinha imaginado tinha-se concretizado. A questão que agora se impunha era a de saber se se conseguiria manter esse espírito no palco profissional. Juntando todas as peças deste puzzle, iria eu conseguir manter a atitude festiva de quem se tinha divertido a cenografar, representar e tocar num contexto livre e despreocupado?

Desde o início do trabalho nas escolas, a preocupação tinha sido meramente pedagógica. Mas agora aproximava-se o momento em que a pedagogia tinha de dar lugar a um discurso artístico coerente.

Chegara o momento de estruturar o trabalho dos alunos e fazer a ligação com os profissionais. Estes dois mundos iam cruzar-se num espectáculo que ia ser visto, analisado, criticado por uma comunidade que esperara seis meses pela tal cereja em cima do bolo.

2ª FASE

MARÇO/MAIO 2007

MONTAGEM DA PEÇA *ROMEU E JULIETA*, DE WILLIAM SHAKESPEARE, COM ACTORES PROFISSIONAIS E COM OS GRUPOS ESCOLARES QUE PARTICIPARAM NA 1ª FASE NO PALCO DO CINE-TEATRO MESSIAS DA MEALHADA.

A Peça:

Trabalhar um *clássico* proporciona sempre o *desafio* de abordar temas intemporais na tentativa de encontrar nesses temas a nossa realidade e identidade. *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, é um desses textos, pertinente e actual, sempre perturbador na tragédia.

Esta escolha dramaturgica, para suporte deste projecto, obedeceu a critérios que se prendiam com a adequação ao público-alvo, eficácia de comunicação e compreensão dos conteúdos dramáticos, condições de produção e montagem. Com esta peça emblemática elegemos dois temas fulcrais: a juventude - impulsiva, fatalista, extrema - e a cidade com os seus territórios, as suas normas e regras sociais e as rivalidades entre vizinhos. No embate destes dois temas descobrimos o drama e nem precisámos de viajar no tempo, até Verona do séc. XVI, pois facilmente encontrámos este conflito nos grupos de alunos que participaram no projecto.

Talvez os jovens apaixonados de hoje não ponham fim à vida pela espada, mas a taxa de suicídio juvenil é no mínimo aterradora. Talvez já não tenhamos famílias fidalgas rivais, mas temos as tribos urbanas e os grupos raciais que combatem nas ruas. Sem dúvida que as sociedades contemporâneas contêm todos estes elementos e é sempre mais fácil analisar e compreender a trama de uma ficção do que a nossa própria realidade. Foi por isso que escolhi esta obra de Shakespeare para este projecto.

Com a cumplicidade do António Fonseca (um grande amigo e um dos actores do elenco profissional) e a pretexto de um trabalho, à volta deste texto, por ele realizado com uma escola de Carnide, peguei numa tradução feita por vários professores dessa escola. Achei que era uma boa base para adaptar e, a partir dela, construir um guião que servisse as necessidades de todos. A dinâmica do jogo dramático que esse grupo de professores introduziu, ao traduzir o original, servia perfeitamente os parâmetros pedagógicos que a encenação procurava. Foi a partir desta tradução que decidi escrever um texto paralelo que contasse a história de um grupo de pessoas (actores profissionais e grupos escolares) que ocupavam um palco, e muito ao estilo *pirandelliano*, representavam a tragicomédia de *Romeu e Julieta*.

O Espectáculo:

Começo por mencionar a opção cenográfica do Eurico Lopes com quem trabalhei pela segunda vez (a primeira foi numa encenação que fiz em Braga, em 1999). Quisemos transformar o teatro numa praça pública. Não o palco, mas o teatro todo. Para isso inventámos uma máquina teatral que, pela mão dos actores e dos grupos escolares que entravam no espectáculo, se transformava em múltiplos cenários. Procurámos definir nesses cenários conceitos mais ou menos explícitos, que convidassem os espectadores a ver connosco uma certa urbanidade teatralizada. Nesta transformação quisemos evocar um espaço cénico que catalizasse a imaginação do público. Recusámos a sua representação realista, na medida em que o teatro e os seus mecanismos de transformação estavam sempre visíveis. Quisemos eliminar a ilusão teatral, mas não a sua magia.

Quanto ao guião que escrevi, e que serviu de fio condutor ao texto de Shakespeare, remeteu-nos para um trabalho de actor sem máscaras, mostrando e explicando ao público alguns dos artifícios e truques do teatro.

Em relação à música, pedi ao professor Nora e aos seus alunos da escola Pedro Teixeira de Cantanhede que criassem uma sonoridade que pautasse a acção, dando um ritmo adequado ao que ia acontecendo de cena para cena. Foi com estes jovens aprendizes de tantos e harmoniosos instrumentos que conseguimos salientar o verso, a trama e a interpretação de um texto deslumbrante.

Por tudo isto, este projecto de encenação conteve uma função didáctica que, aliada à função artística, consolidou uma proposta de reflexão e aprendizagem para os participantes e para o público.

CRONOGRAMA

Ensaios e montagem	Fevereiro/Abril 2007
Estreia	Maio 2007

Ficha Artística:

Tradução do Original:

António Fonseca, Kieza Santos, Ana Maria Baptista, Madalena Martins, Susana Girão e Vanessa Neves

Guião e Encenação:

Marcantonio Del Carlo

Assistência de Encenação e Formação nas escolas:

Marta Nunes

Cenografia: *Eurico Lopes, Alunos e Professores da ARCA-EAC e do Instituto de Lordemão*

Música:

Alunos da escola Pedro Teixeira de Cantanhede dirigidos pelo Prof. Nora

Desenho de Luz:

Virgínia Esteves

Elenco:

António Fonseca, Marta Nunes, Henrique Guerra, Ricardo Correia, Jorge Mota, Mariana Silva

Alunos da escola Pedro Teixeira de Cantanhede e do Instituto Pedro Hispano da Granja do Ulmeiro

Produção:

Francisco Araújo

FOTOGRAFIAS COMENTADAS DO TRABALHO REALIZADO NA 2ª FASE
FOTOGRAFIAS DOS ENSAIOS E DA CARREIRA DO ESPECTÁCULO NO
CINE TEATRO MESSIAS DA MEALHADA
(Abril/Maio 2007)

QUEM MATOU ROMEU E JULIETA?

Um Espectáculo de Marcantonio Del Carlo



Um Projecto de

ARCA-EAC | Escola Pedro Teixeira de Cantanhede | Instituto Educativo de Loredemão | Instituto Pedro Hispano da Granja do Ulmeiro

CINETEATRO MESSIAS - MEALHADA
24 Abril a 9 de Maio

CONTACTOS: 91 66 31 200 palcojovem@gmail.com

*Imagem gráfica do espectáculo (cartazes, convites, etc.) Design Gráfico de Francisco Araújo
Produção feita pelos professores e alunos da ARCA -EAC.*

Os alunos do curso de Design Gráfico da ARCA-EAC criaram, em consonância com o produtor Francisco Araújo, também ele designer, a imagem do espectáculo que foi introduzida nos diferentes suportes publicitários explorados durante toda a carreira no Cine-Teatro da Mealhada.

Partiu-se pois para uma primeira proposta de *teasers* que iriam divulgar o evento numa primeira fase, sem o revelar completamente. Fez-se um concurso de pequenos cartazes que tinham como tema a tragicomédia *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. As dez melhores propostas foram seleccionadas e a própria ARCA-EAC imprimiu nas suas instalações cerca de cem exemplares de cada um destes cartazes que foram rapidamente afixados em locais estratégicos de Coimbra, Mealhada, Cantanhede e Granja (cafés, livrarias, bares, discotecas, etc.).

Seguidamente, com a colaboração dos professores e alunos do curso de fotografia, fizemos uma sessão fotográfica com o elenco e escolhemos a imagem que melhor interpretava o que iria acontecer no palco da Mealhada.

O produtor e designer Francisco Araújo deu a forma e os professores e os alunos definiram a linha estética. Finalmente, e mais uma vez, foi nas instalações desta escola profissional que os cartazes, *flyers* e convites foram concebidos.

Duas semanas antes da estreia, alguns alunos e professores das quatro escolas participantes, de madrugada, encarregaram-se de colar nas paredes, colocar nos pára-brisas dos carros e nas caixas de correio todo este material. Afinal, a festa do teatro parecia que não tinha acabado.

Simultaneamente, os grupos escolares e os actores pisavam pela primeira vez o palco da Mealhada. Os ensaios com os alunos das escolas aconteceram de manhã e de tarde. No período nocturno eu apurava com o elenco profissional o que já tínhamos encontrado na sala de ensaios. As madrugadas destinaram-se ao desenho das luzes.

As escolas tinham-se previamente preparado para que esta rotina não afectasse o normal funcionamento das aulas. Assim, a semana de ensaios na Mealhada, antes da estreia, foi estrategicamente escolhida pelos conselhos executivos. A dedicação dos professores que acompanharam os alunos nesses dias caóticos, ajudou-me a encontrar a calma necessária para sugerir e não impor a minha encenação.



Ensaio no palco da Mealhada, Abril 2007.



Ricardo Correia (Romeu), Marta Nunes (Benvólio) e Jorge Mota (Mercúcio).

A carreira do espectáculo foi intensa e obrigou um elenco de cinquenta elementos a um esforço tremendo. A responsabilidade das escolas, e o seu empenhamento, em proporcionar a tranquilidade a um evento desta envergadura, proporcionaram a calma necessária para que em cada representação todos se sentissem serenos no desempenho das suas funções.

Não foi fácil ter quarenta e quatro alunos de três escolas disponíveis durante quinze dias seguidos num teatro que se esgotava em cada representação. A reacção do público foi de facto extraordinária.

Todos sentíamos que estávamos a viver um tempo irrepetível.



Mariana Nunes (Julieta).



Ricardo Correia (Romeu) e Mariana Nunes (Julieta).



***António Fonseca (Frei Lourenço), Marta Nunes (Benvólio), Mariana Nunes (Julieta)
e Ricardo Correia (Romeu).***



António Fonseca (Frei Lourenço) e os alunos/músicos da escola Pedro Teixeira de Cantanhede dirigidos pelo professor Nora. Henrique Guerra (Ama). As alunas/atrizes e os alunos/percussionistas da escola Pedro Teixeira de Cantanhede.

Antes de cada uma das representações o elenco profissional realizava com os mais novos um aquecimento vocal e corporal e deixava-se seduzir pelos jogos que estes propunham de seguida.

Esta alegre e descontraída confraternização cumpriu com um dos objectivos que eu quisera alcançar: a troca de experiências entre quem faz do teatro uma opção de vida, e aqueles que o vivem apenas uma vez, sem grandes preocupações estéticas ou de outro género.



Marta Nunes (Tebaldo), Ricardo Correia (Romeu), Henrique Guerra (Mercúcio).



Ricardo Correia (Romeu) e Mariana Nunes (Julieta).

No final do espectáculo, com a morte dos dois protagonistas a tragédia estava consumada e a reacção da plateia associava-se à emoção que todos os intérpretes sentiam em cena. Apesar de não ter estado presente em todas as representações, as que vi fizeram-me acreditar que um dos momentos altos desta encenação residiu na empatia que o elenco estabelecia com o público.

Esse momento de prazer que partilhei com alguns espectadores, com quem falei pontualmente nos intervalos, era derivado da alegria de representar, que esteve sempre presente no palco da Mealhada.

Foram eles, os intérpretes, os grandes protagonistas de uma encenação que se limitou a gerir um trabalho colectivo que foi concebido no seio de uma comunidade.



Todo o elenco (profissional e os alunos das escolas) nos agradecimentos da estreia.

CONTACTOS



MARCANTONIO DEL CARLO

GSM: +351 96 70 96 505
e-Mail: salome.marco@gmail.com

BIBLIOGRAFIA

- Paris, J. (1954), *Shakespeare por ele próprio* (1989), PORTUGÁLIA, Lisboa
- Cabral, C. (2004), *Manual de técnicas de palco*, INATEL, Lisboa
- Jardim, J. (2003), *O método da animação*, AVE, Porto
- Boal, A. (1998), *Jogos para atores e não atores*, CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro
- Goldberg, R. (2007), *A arte da performance*, ANTIGONA, Porto
- Vieira, M. B. M. (2000), *Voz e relação educativa*, AFRONTAMENTO, Porto
- Beja, F., Topa, J. M., Madureira, C. (2002), *Jogos e projectos de expressão dramática*, PORTO EDITORA, Porto
- Rooyakers, P. (2003), *101 jogos dramáticos*, ASA, Porto
- Oliveira, F.M. (1997), *O destino da mimese e a voz do palco*, ANGELUS NOVUS, Braga-Coimbra
- Barndes, D. & Phillips, H. (2000), *Manual de jogos educativos*, MORAES, Lisboa
- Breslin, J., B., (2009), *Produção de imagem e som*, CAMPUS, Rio de Janeiro
- Castarède, M. F. (1998), *A voz e os seus sortilégios*, CAMINHO DA MÚSICA, Lisboa
- Nunes de Almeida, P. (2003), *Educação lúdica, técnicas e jogos pedagógicos*, LOYOLA, São Paulo (Br)
- Pedro, A. (1980), *Pequeno tratado de encenação*, INATEL, Lisboa
- Bloom, Harold (1998), *Shakespeare: The Invention of the Human*, RIVERHEAD BOOKS, New York.
- Adorno, T.W. (1982), *Arte e comunicação*, EDIÇÕES 70, Viseu
- Sousa, A. B. (2003), *Educação pela arte e artes na educação*, INSTITUTO PIAGET, Lisboa
- Veneziano, N. (2002), *A cena de Dario Fo*, CODEX, São Paulo
- Fo, D. (1999), *Manual mínimo do ator*, SENAC, São Paulo
- Candesheere, V. D. (1994), *Educação e formação*, ASA, Porto
- Beja, F., Topa, J. M., Madureira, C. (2002), *Jogos e projectos de expressão dramática*, PORTO EDITORA, Porto
- Vayer, P. & Roncin, C. (2004), *Psicologia das actividades corporais*, INSTITUTO PIAGET, Lisboa
- Paris, J. (1989), *Shakespeare por ele próprio*, PORTUGÁLIA, Lisboa
- Bloom, Harold, (1998) *Shakespeare: The Invention of the Human*, RIVERHEAD BOOKS, New York
- Spolin, V., (2003), *Improvisação para o teatro*, PERSPECTIVA, São Paulo
- O`Toole, J., (1992), *The Process of Drama*, ROUTLEDGE, New York
- Thomas, J., (1992), *Script Analysis for Actors, Directors, and Designers*, FOCAL PRESS, London
- Adler, S., (1992), *Técnica da representação teatral*, CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro

ANEXOS